

■ EDITORIAL

Viviane Ferreira Conti

Nesse primeiro número do ano de 2021, a Revista *História e Cultura*, editada pelos discentes do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, reuniu, sob o dossiê intitulado “*Historiografia em tempos de urgência: do horizonte de expectativas ao fechamento das esperanças*” e organizado por Alice F. Freyesleben e Luiz Alexandre Pinheiro Kosteczka - doutorandos pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PPGHIS-UFPR) -, cinco trabalhos dedicados a analisar diversas questões dentro da Historiografia. O leitor encontrará artigos que discutem o papel da tecnologia, das novas concepções e percepções de tempo e espaço, do testemunho e do impacto das redes sociais na escrita da História, promovendo reflexões acerca do passado e do futuro.

No primeiro artigo da seção, intitulado *A facilidade do acesso (ou o acelerado empobrecimento do gesto de montar)*, vemos uma introdução à temática do dossiê, uma vez que o autor, Rodrigo Amboni, descreve como o processo de desenvolvimento tecnológico, ao invés de alcançar o progresso almejado, transformou nosso tempo em uma grande distopia, tirando de nós a capacidade de pensar e imaginar novas possibilidades de futuro, revelando o fechamento do horizonte de expectativas.

Dando continuidade, o trabalho *O tempo desconjuntado: a urgência do cronocentrismo e uma possível forma de fazer história no novo tempo do mundo* de João Paulo Rossati, traça uma história do tempo, ou melhor, uma história das mudanças de percepção de temporalidades e como estas influenciam no processo histórico, tanto dos eventos como da escrita. Nesse sentido, aponta como o tempo é cada vez mais acelerado e o quanto há um cronocentrismo do presente, quase extinguindo a construção de um futuro. Mais uma vez, vemos o futuro como um horizonte fechado.

Em seguida, Eduardo A. Escudero em *Crisis e implicancias sociopolíticas de la historiografía en las derivas del tiempo presente*, retoma a ideia da aceleração do

tempo, apresentando alguns conceitos e mobilizando alguns autores que se dedicaram à essa reflexão. Por mais ressalvas que coloque, Escudero analisa como o “presentismo” de Hartog se relaciona com as crises da história e o capitalismo vigente.

Aproximando a história da literatura, João Camillo Grazziotin Portal nos apresenta em *Uma escritora da hospitalidade: as imagens da escuta de Svetlana Aleksievitch* um pouco do trabalho desenvolvido pela autora de *A Guerra não tem rosto de mulher* (1985) em suas obras. O ponto levantado aqui é sobre como Aleksievitch se inseriu na literatura traumática e deu voz às testemunhas dos horrores da Segunda Guerra, tendo sua escuta e escrita colaborado para a criação de uma nova imagem das vítimas e dos eventos. Segundo o autor, ainda que a escritora tenha entrevistado testemunhas, por não ser historiadora, não utilizou dos métodos da história oral. Porém, conseguiu fazer algo que muitas vezes historiadores e historiadoras não conseguiram fazer: dar um novo retrato à história, principalmente aquela sobre passados traumáticos, que dão voz às testemunhas e sensibilizam os mais diversos leitores. O artigo em questão apresenta novos caminhos do fazer histórico que se integre às possibilidades de outras áreas, a fim de suprir as “deficiências” decorrentes da disciplinarização da história.

Destacamos ainda o artigo de Vicente Silveira Detoni, *O “Partido Saquarema” na partilha da autoridade sobre o passado: nova direita, movimentos monarquistas e o saber histórico no ocaso da Nova República brasileira*, que finaliza a seção *Dossiê* mostrando o impacto do movimento monarquista na política recente e faz um chamado aos historiadores e às historiadoras sobre a comemoração do Bicentenário da Independência em 2022. Esse chamado é para que prestemos atenção à narrativa que vem sendo desenvolvida, aliada à uma desconstrução e deslegitimação da autoridade do nosso papel enquanto historiadores e historiadoras na escrita da História do Brasil, principalmente no que se refere ao passado monárquico e que provavelmente será evidenciada na comemoração da efeméride a ocorrer no próximo ano, através das redes sociais de movimentos pró-monarquia e empresas empenhadas em versões “paralelas” de produção de conteúdo histórico.

Na seção de *Artigos Livres*, ao longo de dezoito artigos encontramos ainda uma diversidade de temporalidades, temáticas, abordagens e recortes espaciais. Isso porque reúne trabalhos sobre: a educação como ferramenta para a transmissão de valores como moral, civismo e cidadania, sob a ótica de alguns cânones da Educação no Brasil ou mesmo durante os anos de chumbo; biografia e os espaços ocupados pelas mulheres na literatura, nas revistas científicas, além da produção de teorias feministas; movimentos

artísticos, cultura visual, análise cinematográfica e manifestações culturais locais; conceitualizações sobre Política; e também sobre o percurso do comércio da Idade Média à atualidade. Encontramos por trás desses trabalhos pesquisadores além da História, portanto, estabelecemos um diálogo próximo com outras áreas das Humanidades.

Por meio dessa pluralidade de temas e abordagens, buscamos instigar novas discussões e promover debates em curso entre os estudiosos da História e das outras áreas das Ciências Sociais, bem como atingir os mais variados leitores.

Nós, do Corpo Editorial da Revista *História e Cultura*,
desejamos a todos uma ótima leitura!